

ISSN 0101-708X

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

# G BOLETIM GOIANO. eografia

INSTITUTO DE QUÍMICA E GEOCIÊNCIAS - DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

---

VOL. 12 Nº 1 - JAN./DEZ. 1992



# A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO NUM CURSO DE LICENCIATURA \*

*Eguimar Felício Chaveiro \*\**

## RESUMO

Buscando explicitar a especificidade e a importância do Estágio na construção de um curso de licenciatura e refutando as concepções positivistas e funcionalistas desta prática, estabelece-se princípios alternativos para um Estágio Fundamental, cujo norte principal é a relação da teoria e da prática, posta na dinâmica educativa.

UNITERMOS: Prática criadora.

## 1. INTRODUÇÃO

Depois de termos executado algumas experiências que julgamos ser de grande importância, no trabalho com a disciplina *Didática Especial e Prática de Ensino de Geografia*, no curso de Geografia, na cidade de Catalão-GO, pretendemos pelo presente estabelecer algumas reflexões sobre a importância do Estágio num curso de formação de educadores.

Inicialmente, consideramos que as experiências obtidas em nosso trabalho não garantem, por si mesmas, um grau de aprofundamento necessário para a análise do assunto posto em questão, isto porque experimentar não significa saber, como pensavam os teóricos positivistas, muito menos dar

---

\* Para Carlão (de Trindade) e Sandra (de Anicuns), aos quais a amizade significa mais que a distância e o tempo. Para as alunas do 3º Magistério vespertino (1991), do C.E.J.N.C., pela mexeção, criação, sorrisos e dias estradeiros de gente.

\*\* Professor do Depto. de Geografia e Campus Avançado de Catalão/UFG.

conta da análise, que exige, entre outras, um corpo conceitual, uma epistemologia e um sistema de referências, cujas bases assentam-se numa filosofia e numa postura política (Santos, 1988).

É necessário certificar que comumente se tem entendido o estágio, dentro dos cursos de licenciatura, como sendo a *Prática de Ensino*, todavia partimos da compreensão que esta é bem mais abrangente que aquele, pelo fato de que, ao nosso ver, a prática de ensino ocupa-se de todo o envolvimento de educadores e educandos em suas relações diretas e indiretas com a produção do saber, desde a condição social concreta, dentro da qual se estabelece essa prática, passando pelos objetivos singulares, no interior da escola, até as suas práticas no âmbito da história.

Tal referência é válida para sugerir a idéia que o estágio apenas participa, contribui para a prática de ensino, não é ela toda, porém está fundado nas matizes sobre as quais essa prática repousa.

Nesta perspectiva é que objetivamos perceber a importância do estágio na construção de uma determinada prática de ensino, onde facilite o rompimento entre a dicotomia da prática de teorizar com a prática de *fazer aula*.

## 2. ESTÁGIO: QUE DISCIPLINA É ESTA?

Levando-se em consideração a concepção que apontamos a respeito da Prática de Ensino, na verdade estamos perguntando: Que especificidade possui o estágio na construção de um curso de licenciatura? Que lugar ocupa ou deveria ocupar? Ou ainda, como se enquadra nos programas curriculares dos diversos cursos de Licenciatura?

Começaremos pelas palavras do Professor Miguel André Berger (1985), da Universidade Federal de Sergipe: *Ao que parece, nos cursos de formação de recursos humanos para a educação, o estágio não tem sido suficientemente valorizado, pois quase sempre ocorre no final do curso, não tendo uma sistematização que possa contribuir para um melhor desempenho do aluno e não possibilitando ao futuro profissional condições de refletir sobre sua prática.*

Logo no início verificamos que a palavra Prática de Ensino ao longo do tempo tem tido o significado de Estágio, o que já desvenda um problema em nossos cursos, isto é, o de não considerar as demais disciplinas de um mesmo curso como sendo também Prática de Ensino e, ainda, de

responsabilizar somente o estágio pela eficiência ou não da formação do educando.

Desta maneira, em parte Berger está correto - há um rompimento curricular e mesmo programático do estágio com as outras disciplinas, que torna-se responsável por uma *supervalorização* ou por uma *negação* do mesmo perante as demais, todavia não é pelo fato de geralmente ocorrer nos finais de cursos que é desvalorizado ou torna-se inútil e insuficiente, mas pela forma com que fazendo parte de um todo é divorciado e desconectado do produto elaborado por esse todo.

Diante do que colocamos, é evidente que o estágio não deve ser o local e o momento por excelência de conduzir o educando à Prática de Ensino. Sabemos também que os problemas do estágio não se referem somente à grade curricular, pois esta oferece apenas a listagem das possibilidades, através da composição e seqüencialização das disciplinas, no entanto, quem veicula a operação dessas possibilidades é a relação educador/educando mediada por uma concepção de mundo e de educação, em conflito permanente.

Constatado que os problemas do estágio não são simplesmente de alocação dentro da grade curricular, necessário se faz entender a forma pela qual se dá o seu relacionamento com as demais disciplinas e que concepção de educação evidencia.

## 2.1. A RELAÇÃO DO ESTÁGIO COM AS DEMAIS DISCIPLINAS

Inicialmente evidenciamos que há uma pretensão que o estágio seja o lugar e o momento por excelência de formação do educando para a Prática de Ensino. Essa pretensão reflete três juízos básicos:

- a) Que não existe uma relação de interdisciplinariedade do estágio com as demais disciplinas, nem no campo programático, nem no campo metodológico e filosófico dos cursos;
- b) Que o problema não é apenas de interdisciplinariedade, mas da forma como se percebe a Prática de Ensino, ficando a idéia de que existe nos cursos de licenciatura disciplinas que sejam pedagógicas e disciplinas não-pedagógicas;
- c) Que a visão parcelizada da Prática de Ensino e conseqüentemente a forma com que o estágio relaciona-se com as outras disciplinas reside numa postura positivista de entender a relação da teoria com a prática, isto porque, nesta concepção, as demais

disciplinas deveriam ocupar-se com a teoria, enquanto o estágio, com a prática.

A falta de interdisciplinariedade do estágio com outras disciplinas baseia-se num primeiro momento na estrutura dos cursos, a começar pela concepção de educação contida nos currículos, separando o estudo da prática pedagógica do estudo dos vários campos científicos. Essa separação, todavia, é apenas aparente, uma vez que cada disciplina, por mais longínqua e disparatada das outras, concorre indubitavelmente para a elaboração do produto final, que é a formação do educando, na sua complexa e variada dimensão.

No que concerne à concepção de educação que está por trás da idéia da existência de disciplinas pedagógicas e não-pedagógicas, tem raiz na divisão técnica do trabalho científico.

Como se sabe, a sociedade de modelo capitalista exige a especialização do trabalho uma vez que tem na fábrica o motor de direção econômica, logo, espelho da organização sobre a qual ocorre a prática pedagógica.

A divisão técnica do trabalho científico reproduz via estrutura curricular a parcelização do saber, constituindo-se numa forma de alienação. A alienação, por seu turno, não é produto exclusivo de cursos ou de organização curricular, mas da forma com que a sociedade capitalista produz os indivíduos para sua reprodução social, dividindo o trabalho social e tecnicamente.

Como o trabalho científico é também uma forma de trabalho e por isso permeia a existência social, não está isento de sofrer as incriminações de sua divisão, expressando-se também como luta de classes.

Diante disso, é necessário atentarmos:

- a) O trabalho pedagógico possui uma especificidade - a de não produzir diretamente mercadoria. Assim sendo, não transforma a matéria-prima, portanto, não produz valor;
- b) Apesar de não produzir diretamente mercadoria, se faz consumindo várias outras mercadorias, como roupas, objetos escolares, prédio, etc., por isso envolve dinheiro, organização, política, etc.;
- c) O trabalho pedagógico, nos seus diversos níveis e nas suas várias concepções, constitui-se como um dos componentes de produção da consciência social. A consciência, por sua vez, não é produto exclusivo deste trabalho, o que nos remete a idéia que, tanto a prática de ensino, quanto a prática social, são

práticas que produzem a consciência, todavia, a consciência volta à produção dessas práticas.

Neste sentido, não existe, na construção e/ou formação da prática de ensino, ação que não seja pedagógica, por outro lado, esta é sempre social. Assim, todas as disciplinas, cursos e campos científicos são ao mesmo tempo pedagógicos e sociais, o que se deve alertar é para qual prática pedagógica o estágio deve ser orientado e para qual prática social deve operar.

A separação do estágio com outras disciplinas, bem como a sua super-relevância ou irrelevância na formação do educando, é muitas vezes resultado da forma com que se concebe a relação da prática e da teoria em suas várias nuances.

Esta relação constitui-se num dos debates filosóficos e políticos dos mais importantes e lógico, também da atividade educacional. Doravante tentaremos refletir como o estágio tem se enquadrado perante ela.

## 2.2. A RELAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA E VICE-VERSA

Existe uma literatura considerável a respeito da relação entre teoria e prática e vice-versa, principalmente no âmbito da filosofia, todavia, traçaremos como objeto de fundo apenas algumas, em função da necessidade que aqui requer.

A primeira consideração que ganhou pulso no pensamento científico moderno, foi a criada pelo Positivismo, método que influenciou e ainda influencia trabalhos científicos desde o Século XIX, até nossos dias.

Para o Positivismo, aprender a realidade é saber usar corretamente os instrumentos adequados. O indivíduo, através da observação, deve compilar dados, enumerá-los, classificá-los e dispô-los em ordens. Esses dados serão coletados em lugares privilegiados. Após a sua ordenação tornam-se leis universais, objetivas e imutáveis. A produção teórica feita pelo fundamento positivista fica presa no particular, no empírico do fenômeno. A descrição do empírico é o próprio real, somente a ordem do real constituirá o seu progresso.

Diante do aludido, para o Positivismo, teoria é a descrição do real feita pelos órgãos sensoriais, enquanto que prática é a ordenação da teoria. Assim, a teoria - a ordenação - deve estar a serviço da prática - o progresso.

Baseado nos postulados positivistas, foi criado o Funcionalismo, principalmente a partir de Durkheim - Século XIX. Na ótica funcionalista o que se tinha como objeto era o fato social. A sociedade é um todo, formada

por inúmeras partes, que em harmonia e ação executa funções que criam o fato social.

A sociedade precisa da ordem para funcionar, por isso tem como gerente o Estado. Cabe a ele punir, intervir e executar, a seu modo, o funcionamento social. O Estado como gerente da harmonia justifica-se em si mesmo.

Esta concepção coloca que a teoria deve ser subserviente à prática. Assim, não cabe aos homens, via de lutas e conflitos, exercitar seus desejos, mas ao Estado, constituído por instrumentos potentes e objetivos, fazê-lo. Diante dessas duas concepções consideramos o seguinte:

1. Tanto o Positivismo quanto o Funcionalismo *matam* os homens como criadores da história, descaracterizando a luta e o conflito, uma vez que pregam a ordem e a harmonia;
2. Tanto um como o outro vêem na teoria apenas um instrumento que deve estar a serviço da prática, não vêem a prática operando na teoria. Por conseguinte, essa política deve ser do Estado, é ele a inteligência social.
3. A separação de teoria e prática traduzida no Positivismo e no Funcionalismo é responsável pela criação da ideologia burguesa reinante, por considerar o Estado, um Estado sem classes e acima da sociedade.

Foi contrariando estas concepções que surgiu, no Século XIX, o pensamento Marxista. Ao contrário dos dois métodos precedentes, Marx e Engels ocuparam-se de refletir a relação teoria e prática, colocando-a como eixo de toda as suas produções teóricas.

É assim que em *A Ideologia Alemã*, precisamente nas teses sobre a Filosofia de Feurbach que está o peso de suas reflexões: *A questão se cabe ao pensamento humano uma verdade objetiva não é teórica mas prática. É na praxis que o homem deve demonstrar a verdade, a saber, a efetividade ou não-efetividade do pensamento - isolado da praxis - é uma questão puramente escolástica.* Na tese 5 (cinco), acrescentam: *Feurbach, descontente com o pensamento abstrato, recorre à intuição; mas não capta a sensibilidade como atividade prática, humana e sensível* (Marx e Engels, In. Os Pensadores, 1a. ed. 1974).

Como suas próprias palavras comprovam, entre teoria e prática existe a praxis como a forma de processar o entendimento e, ao mesmo

CHAVEIRO, Eguimar Felício. A importância do estágio num Curso de Licenciatura. Boletim Goiano de Geografia, 12(1): 97-109, Jan./Dez., 1992.

tempo, de executar - teoria e prática se dissolvem mutuamente, uma mediante a outra, num ato constante.

Mais recentemente, no Século XX, Foucault cuida do assunto. Para este crítico dos postulados Marxistas, toda teoria é uma prática social, isto é, teorizar é também praticar, intervir e meter-se no seio social.

Fora a idéia de que Foucault opera com um pensamento estruturalista, o importante em sua filosofia é conceber a teoria na prática social, no entanto, o pensamento foucaultiano vai divergir amplamente do pensamento marxista, em decorrência de que este propõe as lutas particulares, isoladas e esparsas, conforme sentenciamos num diálogo com Gilles Deleuze: *É por isso que a teoria não expressará, não traduzirá, não aplicará uma prática; ela é uma prática. Mas local e regional, como você diz: não totalizadora, luta contra o poder, luta para fazê-lo aparecer e ferí-lo onde ele é mais invisível e mais insidioso. Luta não para uma "tomada de consciência" (há muito tempo que a consciência como saber está adquirida pelas massas, e que a consciência como sujeito está adquirida, está ocupada pela burguesia), mas para a destruição progressista e a tomada do poder ao lado de todos aqueles que lutam por ela, e não na retaguarda, para esclarecê-la. Uma "teoria" é o sistema regional dessa luta.* Enquanto que o marxismo propõe a luta no coletivo, associada e organizada, em função de uma única direção - a construção de uma sociedade socialista.

Esse breve relato das concepções filosóficas a respeito da teoria e da prática contribuirá para entendermos que o estágio, da forma como vem sendo trabalhado em vários cursos de licenciatura, não está ileso a estas concepções.

A par do que colocamos, é preciso lembrar que o estágio, por um lado, na concepção que deve ser a disciplina pela qual os educandos irão despojar da teoria que aprenderam durante o curso, isto é, é o momento da prática, e por outro lado, tendo a responsabilidade precípua de conduzir o saber prático, pois é nele e somente nele que se faz a *prática de ensino*, concebem a teoria e a prática como sendo dois momentos, onde um segue e trabalha para o outro - a teoria para a prática.

Está nítida a posição positivista de interpretar a prática de ensino, além de dar mostras claras que nessa ótica o estágio funciona como apenas um instrumento, ou uma técnica para o ensino de *dar aulas*.

É preciso, à guisa do que esboçamos, tentar perceber o que seria uma prática tecnicista de estágio.



### 2.3. ESTÁGIO: COMO PRÁTICA TECNICISTA

O âmago da interpretação tecnicista do trabalho pedagógico centra-se na supervalorização da técnica, do instrumento, do *modis operandis* em relação ao humano, ao social e ao político, vetores componentes desse trabalho.

Neste sentido, conceber e trabalhar de maneira tecnicista o estágio é pensar/fazer dele o local e o momento por excelência da prática de ensino, é, em outras palavras, concebê-lo como o instrumento da prática divorciado do político e do social.

Assim, é somente no estágio que haverá as exposições, o planejamento de curso, os planos, o estudo das técnicas, a discussão prática de ensino, ele é o fazer e o participar único do educando no processo de ensino-aprendizagem. Para isso, os educandos deverão ter em mãos os *melhores* livros didáticos, as técnicas mais avançadas, etc. O resultado de sua prática no estágio vai ser a medida de sua capacitação e também do curso que frequentou.

O estágio, nesta abordagem, é o local de produção de experiências com medida e peso, classificação e ordem. Para diagnosticar o seu resultado, basta avaliá-lo medidamente - os planos, a organização, a relação que foi feita com alunos, a disposição, etc.

Esta prática de fazer estágio traz sérios transtornos. Assim:

1. Prega o medo e a inibição no educando-estagiário, pois é tido como o lugar e o momento quase que único de comprovação de sua capacidade;
2. Tumultua o programa das disciplinas no local de sua execução, rompe o andamento de trabalhos em processo e ainda não permite o prosseguimento do mesmo, dado ao curto tempo de duração;
3. Inspira a noção que se faz a prática de ensino somente na sala de aula, experimentando pelas mãos, conseqüentemente desvinculando a escola da sociedade, separando teoria de prática e ideologizando a favor do Estado, uma vez que coloca o educando como sendo o único responsável pelo êxito de sua prática.

### 3. PROPOSTA DE ALGUNS PRINCÍPIOS PARA UM ESTÁGIO FUNDAMENTAL

Para sair da visão tecnicista de estágio, devemos primeiramente considerá-lo na sua especificidade, ou seja, diante do rol de disciplinas que compõem uma grade curricular, mesmo sendo interligadas, cada uma possui sua natureza.

É necessário afirmar o valor da técnica para a prática de ensino, todavia, utilizando-a como instrumento e não como fim. Assim, o estágio se diferencia das demais disciplinas no momento em que oportuniza uma vivência singular no encaminhamento dos cursos, que é de colocar em contato o educando frente toda a dimensão e complexidade da prática de ensino, escolhendo objetivos, trabalhando conteúdos e técnicas, fazendo relações com alunos, coordenando a produção do saber.

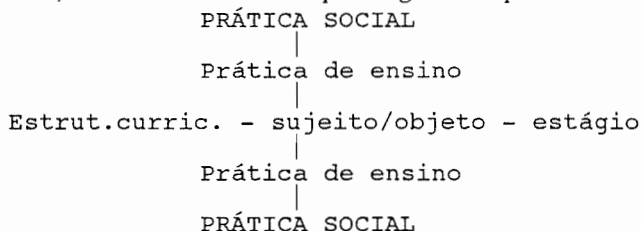
Essa diferenciação, todavia, não pode ser supervalorizada ou negada, deverá fazer parte da construção total de uma prática com lugar próprio na estrutura curricular, numa concepção de educação e de mundo.

Desta forma, o estágio participa da dialética do curso, tomando os seguintes rumos:

1. É limitado isoladamente, entretanto, trabalha com possibilidades fecundas na formação do educando;
2. A sua especificidade o obriga a relacionar-se com outras disciplinas, uma vez que ele não pode ser considerado como uma volta atrás, ou um reconhecimento dos estudos feitos, mas uma produção com caráter inovador de possibilidades e experiências;
3. É necessário sair do pensamento empírico-experimentalista e se possível sair das salas de aulas na sua efetivação, trabalhando com a idéia de que a escola não é fechada em si mesma.

Essas reflexões não terão verdadeiro sentido, caso não venham acompanhadas de uma proposta, ainda que em termos de princípios gerais, cujo fechamento a sequencialização deverão obedecer às necessidades e realidade de cada curso.

Acreditamos que seja possível pensar em várias formas de estágio, entretanto, todas necessariamente pelo seguinte esquema:



Como vimos no esquema, a prática social é o ponto de partida porque a prática de ensino se instala nela, conflitando valores, ideologias, conhecimentos, etc., e ao mesmo tempo é o ponto de chegada porque se revela como o destino dessa prática, ou seja, é a sociedade que lhe confere significado.

Qualquer forma de estágio, que leve em conta a sua relação com a prática social na formação do educando, deverá desenvolver alguns passos fundamentais, a saber:

### 1. Planejamento

Aqui poderá desenvolver contatos com a escola-campo, elaborar roteiros de análises e de dados, levantar a situação concreta dos elementos envolvidos na sociedade e na escola, etc. Todavia, é necessário partir do princípio que não é o planejamento que explica os objetivos, mas são estes que nortearão a realização do planejamento e os objetivos só são criados a partir de uma concepção de educação e de mundo de quem os criou.

Esta fase torna-se na prática um replanejamento dia-a-dia, uma vez que a instrumentalização de estratégias, técnicas, conteúdos, etc., só será eficientemente trabalhada caso a relação com os envolvidos permita unir necessidades e possibilidades com a realidade, a todo instante.

### 2. Execução

Embora o planejamento deva ser uma execução, pois nele se verifica os pontos fundamentais da prática de ensino, consideramos como execução as atividades desenvolvidas na realização do estágio. A execução de um estágio fundamental não pode ser experimentalista e nem diagnóstica.

Não é a experimentação, nem os dados que vão elaborar o raciocínio e a formação, mas é a reflexão, o raciocínio, que conduzirá as experiências.

### 3. Avaliação

A avaliação não deve ter um momento específico, caso contrário torna-se um fim em si mesma. Numa prática de estágio fundamental, a avaliação deve permeiar todos os passos da prática, não apenas como notas ou menções, mas com discussões, correções e levantamentos de problemas, de forma a ter na prática social o fim sobre o qual destina a contribuição do estágio.

Assim, abrir possibilidades de não dicotomizar sujeito e objeto, a partir do entrelaçamento da teoria e da prática, na relação do ensino-aprendizagem, munidas de princípios, cujas bases se assentam numa compreensão de que o estágio não é o único instante, ou o instante mais crucial da formação do educando para a prática de ensino, remete-nos o desafio de enfrentar cada realidade, tirando dela os elementos que poderão conduzir uma proposta de estágio com eficiência técnica e política.

Estes princípios abrem campo para propostas alternativas, inovadoras e possíveis. Outrossim, ao referendarmos o estágio como uma atividade contextualizada nos cursos e com objetivos políticos, que assegure a aprendizagem à formação profissional de educar e o debate político desta formação, estaremos contrapondo a uma prática positivista de fazer estágio e consequentemente, a uma ideologia tecnicista do trabalho pedagógico.

O estágio, então, como uma disciplina cuja especificidade não é um mero despejamento de teorias, torna-se muito importante num curso de formação de educador, em qualquer área, pois garante:

a. Que o educando-estagiário, em face à prática estagiária, passa a ter a oportunidade de teorizar em cima de problemas concretos, que estão à sua frente, exatamente por isso é momento de aprendizagem e de aprofundamento tanto teórico quanto prático;

b. Que o educando-estagiário, ao lidar com todos os elementos da prática educativa - humano, técnico, político, etc. - tem na *prática estagiária* o lugar de conferir as suas *verdades teóricas*, percebendo a necessidade de novas teorias e novas práticas, num processo constante.

c. Que o educando-estagiário terá a oportunidade de tornar coletivos os problemas enfrentados, discutindo-os com outros educandos e com o educador-orientador, fato que geralmente não ocorre com os educadores titulares, permitindo perceber que sua prática está fundamentada num coletivo de ações e de intenções, onde as soluções escapam a atitudes isoladas.

Enfim, o estágio coloca o educando-estagiário a enfrentar três nortes fundamentais do trabalho pedagógico - *o fazer, o como fazer, e o por que fazer*.

Este enfrentamento, geralmente novo na sua vida de educando, abre um campo de debate e de problemas que poderão contribuir muito na sua formação profissional.

#### ABSTRACT

Trying to explain the specificity and the important of Practical Training in the creation of a teacher forming course and refuting the positivistic and funcionalistic conceptions of this practice, alternative principles for Fundamental Training is presented in which the main principle is the relationship between theory and practice when considered in the educational dynamics.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubens. *Estórias de quem gosta de ensinar*. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1984.

----- . *Conversas com quem gosta de ensinar*. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1987.

CANÇADO, Laura Ribeiro. *Interação em sala de aula: questões conceituais e metodologias*. Belo Horizonte: Ed. UFMG/Proed, 1986.

CHAGAS, M. de L. D. N. *As belas mentiras - a ideologia subjacente aos textos didáticos*. São Paulo: Ed. Moraes, 1981.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1982.

FREIRE, P. *Cuidado Escola*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

----- . *Educação e mudanças*. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

GADOTTI, Moacir. *Concepção dialética de educação*. São Paulo: Autores Associados Cortez, 1984.

GIROUX, Henry. *Teoria crítica e resistência em educação*. Petrópolis: Vozes, 1986.

---

CHAVEIRO, Eguimar Felfcio. A importância do estágio num Curso de Licenciatura. Boletim Goiano de Geografia, 12(1): 97-109, Jan./Dez., 1992.

---

LUCIA, Ana G. F. *Ideologia no livro didático*. São Paulo: Autores Associados, 1981.

MARX, Karl. *Sociologia*. Organizado por Octávio Ianni. São Paulo: Ática, 1986

RODRIGUES, N. *Por uma nova escola: o transitório e o permanente na educação*. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1986.

SAVIANI, Demerval. *Escola e democracia*. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1987.